

para Guilherme e Manuela, que vivem me pedindo pra inventar histórias.





SELMA PEREZ

quem dera ter tempo



Em inglês, o termo *short story* é usado para designar o que chamamos em português de conto. É a história de curta duração, em contraste com as narrativas mais longas que caracterizam a novela e o romance. O italiano Salvatore D’Onofrio, autor de *Pequena Enciclopédia da Cultura Ocidental*, considera que o conto reúne todos os ingredientes do romance, mas “em dose diminuta”. A combinação de foco narrativo único, poucos personagens e uso de tempo e espaço condensados tende a criar um grau de densidade que atinge o leitor de maneira peculiar, sobretudo se alguma ambiguidade se instala para que a história sobreviva conosco, envolta em neblina, mesmo depois do ponto final.

Os contos de Selma Perez reunidos em *Quem Dera Ter Tempo* ilustram essa capacidade de ir longe sem

sair de perto. São dez histórias muito diferentes entre si. Uma mulher cuida da mãe e faz um balanço de suas diferenças com os irmãos. Um porteiro de cinema não entende o comportamento insólito de um espectador. Um desempregado negocia consigo mesmo como sair da inércia. Uma dona de casa consumida pelas tarefas do cotidiano procura se manter no horário. Um homem se deixa fascinar pela desconhecida da mesa ao lado. Nesses e nos demais contos, somos conduzidos aos pequenos universos em que os personagens revelam muito de si mesmos quando olham, expostos com delicadeza pela narrativa, para o que os cerca.

A diversidade não impede, contudo, que as histórias possam conversar entre si. Há algo, em todas elas, a respeito da passagem do tempo – de seus efeitos sobre os personagens e de suas implicações sobre a própria estrutura do conto. E há também, nos sentimentos que são descobertos aqui e ali, uma engrenagem subterrânea e silenciosa que aproxima os protagonistas em seu modo de lidar – pacificamente, ou covardemente? – com o que a vida tem a lhes oferecer. O título que um dos contos empresta ao livro se refere um pouco a essa sensação, muitas vezes melancólica, de que outro caminho teria sido possível se houvesse tempo – no fundo, se houvesse outra vida, e quem sabe outra, e outra – para buscá-lo.

No ensaio “Teses Sobre o Conto”, publicado no livro *O Laboratório do Escritor*, o argentino Ricardo Piglia observa que “um conto sempre conta duas histórias”. A arte do contista, segundo ele, consiste em “saber cifrar a história 2 nos interstícios da história 1”. “Uma história visível esconde uma história secreta, narrada de modo elíptico e fragmentário”, explica. Nos tópicos seguintes do ensaio, Piglia se aprofunda na análise dessa tradição que, em muitas circunstâncias, produz um “efeito de surpresa” quando “o final da história secreta aparece na superfície”. Não é exatamente o que fazem as histórias de Selma, mas a imagem de paralelismo se aplica a elas, na medida em que cada uma possibilita ao leitor o exercício imaginativo de ir além do que nos contam os personagens para não ficar aquém do sentido das experiências que vivem.



GIRASSÓIS	12
DIA DE FEIRA	22
CAMINHO DA ESCOLA	32
FESTA DE FAMÍLIA	42
VIZINHOS	54
NO CINEMA	62
UM NOVO DIA	74
O CASACO	86
SEXO A DOIS	96
QUEM DERA TER TEMPO	106



GRASSÓIS

FAZIA TEMPO que não voltava à pequena cidade onde tinha nascido, passado a infância e um pouco mais tarde as férias. Tanto que não conseguia se lembrar da última vez. Talvez tivesse 11 ou 12 anos. Não importava. O lugar havia ficado tão desinteressante que de uma hora para a outra não quis mais voltar. Nada mais o atraía para lá. Nem os amigos meninos que costumavam brincar de esconde-esconde, trepa-trepa, pega-pega. Tampouco as amigas meninas que na época não despertavam no sexo masculino outra coisa senão antipatia. Não gostavam muito de correr. Eram, para eles, mais quietas do que o comum e muitas se dedicavam à leitura, causando-lhes uma sincera e incontrolável repulsa.

Lembrava-se dos adultos dizendo que essas diferenças diminuiriam com o passar dos anos, ainda mais depois

que fosse morar na cidade. Porém, quanto mais o tempo passava, mais aumentava a sua desconfiança de que aquelas frases eram apenas consolo. Para ele, aquelas diferenças da infância se tornavam ainda maiores a cada dia. A aversão que guardava das inimigas da meninice desaparecia à medida que conhecia as moças da cidade – muito mais estranhas. Como a meninice não lhe saía da cabeça, achou que o melhor a fazer era tentar voltar aos velhos dias. Lá estava ele, sentado na praça que só frequentava quando os tios permitiam que as crianças fossem com eles ao armazém.

16

Nenhum rosto conhecido. Será que os amigos tinham escolhido caminho semelhante ao dele? Quem sabe não seria mais fácil encontrar um deles no metrô, no shopping ou simplesmente andando na calçada do centro da capital com pressa. Nunca notaria a presença de um deles no meio da multidão. Quando uma grande quantidade de pessoas se junta, vira uma massa e os olhos não distinguem quem é quem. Talvez por isso estivesse ali, naquele banco. Queria reencontrar o tempo que, se não passa mais devagar nesses lugares, chega a esperar as pessoas. Um rio que em certo momento vira lago. Depois volta a ser rio, mas por um instante tem a água parada, esperando não se sabe o quê. Outro tempo.

Não chegava a valorizar o lugar por isso. Não tinha voltado para isso. Não tinha voltado nunca. Nem para rever os amigos como tinha prometido na despedida. “Promessa não é dívida. É promessa”, costumavam dizer uns aos outros em tom confessional e sempre que a cumplicidade se fazia necessária. E onde estariam eles que não apareciam? Resolveu caminhar até a igreja. Era branca com as bordas douradas e as portas em azul colonial. As portas das fazendas imitavam as das igrejas. Ou seria o contrário? O estilo era barroco. Conseguia avaliar com certeza e facilidade. Tinha aprendido tantas coisas enquanto estivera fora. Fechada. A igreja estava fechada. Como podia estar fechada naquele horário? O que havia mudado?

17

A padaria tinha mudado muito. Claro que sim. Ficava agora onde antes era o armazém. Para onde teria se mudado o armazém? Bem em frente da padaria tinha um mercadinho, pequeno, mas completo. Desses atulhados, onde se pode comprar toda sorte de cacarecos e bugigangas. Era fato que o armazém já não existia. A farmácia, duas casas adiante do mercadinho, era, no passado, uma terceira residência. Os remédios eram encontrados na casa de um senhor já de idade. Como tinha sido médico na cidade vizinha, um tico de nada maior que aquela, podia vendê-los e até atender aos

doentes. Não tinha filhos, portanto, não eram seus descendentes os donos da atual farmácia, com estantes antigas de imbuia e portas de vidro.

Deu mais uma volta na praça para ter certeza de que nada ali era de seu tempo. Começava a duvidar se tinha mesmo conhecido aquele lugar distante, de pessoas distantes. Nenhum rosto amigo para trazer-lhe de volta a tranquilidade. Nenhum rosto conhecido que pudesse abraçar. Queria conversar, saber da vida por ali, saber da vida das pessoas que tinham sido em outra época tão próximas. Íntimas. Tomavam banho juntos no rio e no banheiro também. Não importava. Não tinha mesmo andado quilômetros para aquilo. Na verdade, só queria sair do lugar onde estava. E saiu. Uma sensação de vazio tomava conta de tudo. Sentia que tinha ido para lugar nenhum. Não conhecia aquele lugar.

Entraria no carro e voltaria ainda que fosse para outro lugar nenhum. Outro lugar qualquer. Caminhou com passos de multidão e antes de entrar no carro avistou, atrás de uma pequena ponte, toda reformada, mas no mesmo lugar da construção antiga, um estranho brilho. Reconheceu de imediato a luz amarela que tanto chamava a atenção da molecada nos fins de tarde de outono. Resolveu ir a pé até o local onde costumavam apreciar o fenômeno. Um mistério no vale

nunca desvendado pelos cientistas mirins, cheios de teorias absurdas, algumas até engraçadas. Será que alguém mais, além dele, tinha conseguido decifrar o reflexo do sol no campo repleto de girassóis? Como podia ter esquecido de uma das cenas mais maravilhosas do mundo? Enfim, um rosto conhecido. Podia voltar para casa.

